

Luís Reto e Jorge de Sá (2016). *Esquerda e Direita em Portugal: Consensos, Divergências e Antagonismos*. Lisboa: Livros Horizonte, 133 p.

João de Almeida Santos*

(1) É um tema sempre fascinante, importante e actual, este, o da *Esquerda versus Direita*. E quando muitos dizem que a distinção já não tem sentido, os autores, neste interessante livro, defendem e demonstram a sua actualíssima pregnância. E bem! De resto, já é probervial dizer que os que afirmam que a distinção já não tem sentido são de direita! Mas a dicotomia mantém a sua validade. E esta é a posição de Norberto Bobbio, um homem cuja autoridade intelectual e política é difícil pôr em causa, sobretudo nesta matéria. E ele, a este propósito, remete-nos para Dino Cofrancesco, dizendo, com o próprio, que «se com a desconsagração do marxismo-leninismo acabou para sempre a leitura maniqueísta da oposição direita-esquerda, esta não fica de modo nenhum desprovida de sentido: *a libertação do homem do poder injusto e opressivo (...) mantém-se, pensando bem, como núcleo duro da esquerda como categoria do político em condições de resistir a qualquer processo de desmitização*» (Bobbio, 1994: 53).

(2) Mas esta é simplesmente uma distinção prática, uma âncora identitária, uma bússola simplificadora para um posicionamento ético-político elementar da cidadania ou uma topologia especial que ajuda a descomplexificar o real (veja-se Reto & Sá, 2016: 33-38). Ou

* Professor Catedrático, Diretor da Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração e do Departamento de Ciência Política, Segurança e Relações Internacionais da Universidade Lusófona. Diretor da *ResPublica*. Coordenador do CICPRIS.

300 seja, estas noções representam somente uma *topologia política*, não uma *ontologia política*: «Os dois conceitos *direita* e *esquerda* não são conceitos absolutos», diz Bobbio. «São conceitos relativos. Não são conceitos substantivos ou ontológicos. Não são qualidades intrínsecas do universo político. São lugares do *espaço político*. Representam uma determinada topologia política que não tem nada a ver com a ontologia política» (Bobbio, 1994: 66). São, portanto, noções relativas que servem para orientar o cidadão num determinado sentido ou noutro.

(3) A distinção executada pelos autores é feita através das seguintes discriminantes: igualdade, liberdade, religião, autoridade, optimismo-pessimismo, natureza do regime político, família, conservadorismo-modernidade (moral), ocidente-orientes, ambiente, democracia-ditadura (Reto & Sá, 2016: 84-114). E, independentemente das variações verificadas (entre 1999 e 2013, em Portugal), da intensidade ou, nalguns casos, da convergência de posições, fruto da conjuntura ou dos progressos civilizacionais, confirma-se facilmente que, aqui, a esquerda está mais dum lado (e a direita mais do outro): é mais igualitária, mais laica, menos autoritária, mais optimista, menos presidencialista, mais moderna, mais ecológica, mais democrática.

(4) O livro de Norberto Bobbio *Destra e Sinistra* (1994) a que se referem os autores continua a ser muito interessante para efeito de separação das águas. Nele, Bobbio defende que o centro da distinção reside na *igualdade* e que o objectivo da esquerda (moderada) é remover os obstáculos que tornam homens e mulheres menos iguais (Bobbio, 1994: 79, 83, 89).

(5) Importa, todavia, fazer outras distinções. Por exemplo, entre esquerda moderada e esquerda radical. Os valores até podem ser os mesmos, mas com intensidade diferente. E é nesta intensidade que as diferenças se agudizam para níveis que podem já não ser componíveis, se apontarem para meios extremos de resolução, incompatíveis com a lógica de composição de interesses e valores própria da democracia. Uma coisa é falar de igualdade, outra de igualitarismo.

(6) Os autores constatarem, todavia, que a diáda não conheceu em Portugal uma radicalização, mas uma evolução no sentido «do reforço das posições de centro», não se tendo passado «para uma grande radicalização ideológica em 2013» (Reto & Sá, 2016: 122-123), apesar dos efeitos da crise. O que é verdade. E sobretudo porque isso representa um reconhecimento, por parte da esquerda portuguesa mais intensa

(Bloco de Esquerda e Partido Comunista Português), de que é nesta zona que se podem resolver os problemas e afirmar uma verdadeira alternativa ou, pelo menos, uma resposta realista à direita, como se verifica neste momento ao apoiar no parlamento um governo do Partido Socialista.

(7) A metáfora é espacial. Já o era na Câmara dos Comuns, nas primeiras décadas do século XVIII (o partido governamental sentava-se à direita do *Speaker*). E foi também assim na Constituinte de Versailles, em 1789. E na religião: o bem está sempre à direita [veja-se o meu *Paradoxos da Democracia* (Santos, 1998: 69-80) e Bobbio (1994: 48)]. Portanto, se formos ao ADN das noções a esquerda deverá fazer um reajustamento genético? Em parte não, porque não só se fez intérprete do futuro, para onde aponta o valor da emancipação, como já revelou que é capaz de governar! Mas isto significará que tem de se sentar forçosamente à direita, quando governa? Este é o dilema e o desafio: governar, mas à esquerda!

(8) Mas, para isso, o que hoje está a fazer cada vez mais falta (digo, à esquerda), e mantendo-se a distinção, é uma clara definição – mas não suportada somente em descrições estatísticas e sociográficas ou numa simples axiologia sem cartografia cognitiva – de conteúdos ideais, conceptuais, ideológicos e programáticos capazes de integrar uma nova cartografia cognitiva em condições de guiar a cidadania neste novo e complexo mundo emergente formado por indivíduos complexos, de múltiplas pertenças e detentores de instrumentos de acesso directo ao espaço público deliberativo (veja-se, a este propósito, Santos, 2015).

Referências Bibliográficas

- Bobbio, N. (1994). *Destra e Sinistra. Ragioni e Significati di Una Distinzione Politica*. Roma: Donzelli.
- Reto, L. & Sá, J. (2016). *Esquerda e Direita em Portugal: Consensos, Divergências e Antagonismos*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Santos, J.A. (1998). *Paradoxos da Democracia*. Lisboa: Fenda.
- Santos, J.A. (2015). *Un Nuevo Paradigma Para el Socialismo*. Online: <http://www.tendencias21.net/comunicacion/Un-Nuevo-Paradigma-para-el-Socialismo_a23.html> (referência de 26-03-2015).